

O HERALDO

Director, proprietario e editor

JOSÉ MARIA DOS SANTOS

ANTIGO "JORNAL DE ANNUNCIOS"

TYPOGRAPHIA BUROCRATICA

RUA ALEXANDRE HERCULANO, 1, 8

Redacção, administração, composição e impressão

RUA ALEXANDRE HERCULANO, 7, 8

TRINTA ANNOS



MIS um anno!

Com o presente numero entra o nosso jornal no 30.º anno da sua existencia.

Começando a publicar-se em fevereiro de 1883 quando a Typographia Burocratica era propriedade do finado João Daniel G. Pessoa, continuou a chamar-se *Jornal de*

Annuncios, em posse do actual proprietario. Distribuido gratuitamente, com uma larguissima tiragem enchia o nosso Algarve, ás quintas feiras e levava muito mais longe o echo sonoro da sua propaganda e do seu reclamo annunciadore.

Mais tarde, quando já sobre elle pezávam alguns annos de vida despreocupada, o *Jornal de Annuncios* desapareceu de envolta com o seculo que tambem se marchava.

Mas desapareceu, tranquillamente n'uma morte natural e serena.

Deixou descendencia varonil e ao entrar a porta do Alem, confiava a seu filho dilecto *O Herald*, a manutenção do seu renome honesto.

E, assim, quando o seculo passado se remetia ao silencio imperturbavel da sepultura e o velho *Jornal de Annuncios* lhe fazia amavel companhia, o *Herald* vinha, de ponto em branco, armado e equipado, não já assoprando a todos os cantos do mundo com a sua tuba a reclame poderosa dos annuncios mas, preparado para a luta politica, para luta de adversarios leaes e cavalheiescos, generosos na victoria, serenos no ataque.

Recortamos das suas primeiras palavras quando entrou na lica:

«Agora, á luz baça d'um romantico sol de janeiro, quando por este decantado solo algarvio começam de florir as amendoeira e pelas noites orvalhadas ha ressaibos de encantamento mourisco no gottejar lento do nectar; agora, quando as impertinencias do frio nos obstem á libertinagem das ruas e vae pelos serões um despertar vago de leitura, eis que vos apparece este pequeno *Herald*, filho legitimo do *Jornal de Annuncios* que alquebrou ás primeiras ardencias do novo seculo.»

«E' n'estas circunstancias presadissimos leitores, que vos apparece *O Herald* conscienciosamente disposto a combater contra este definhamento geral que nos entorpece e pugnar para que d'elle em breve desabroche uma nova aurora de triumphos e de victorias. Em toda a fé do seu coração de patriota vem disposto a travar uma luta decisiva e forte, mas diplomatica e cortez. Não vem em mangas de camisa

e não empunha navalha. Antes pelo contrario: vem de luva calçada e traça capa de cavalheiro fidalgo.»

Depois de trinta annos eil-o ainda pronto e firme sem alijar responsabilidades nem enjeitar a sua obra.

Se errou fel-o de boa fé e accetia a penitencia. Só requer juizes imparciaes. *Lambças* não, que é triste julgar a outrem quando o derrancado moral lhes não permite sentar na tribuna commodamente e a beca não consegue tapar as mazellas.

Trinta annos. Julguem d'elles e formulem os quesitos. Conciencia tranquilla e segue...

PENSAMENTOS

Não foram as emoções nem as paixões humanas que descobriram o movimento da terra.

Stuart Mill.

Quanto mais espirito se tem, tanto maiores se tornam as paixões.

Pascal.

Quem quizer triunfar em qualquer modo de vida tem que desprezar os imbecis, que querem seguir pelo mesmo caminho.

Luminère.

O que fazemos nos annos da velhice é o echo do que aprendemos na juventude.

Mendo.

A disposição para os nobres sentimentos é em muitas naturezas uma planta delicada, que facilmente murcha pelas influencias hostis.

Mauklay.

E' mais facil dizer coisas novas do que conciliar as que já foram ditas.

Vaunevargues.

Esquecem-se as infidelidades mas não se perdoam.

Madame de Sevigné.

A consideração para com as mulheres é a medida dos progressos de uma nação na vida social.

Gregoire

O amor é como a fé nos milagres: um trabalho de imaginação para escitar o coração e paralisar o raciocinio.

Chateaubriand.

A virtude parece mais bella n'um corpo perfeito.

Virgilio.

As impressões do amor são como uma figura gravada em gelo, basta um raio de sol para desaparecer.

Shakspeare.

As mulheres bonitas, que são impertunas e tristonhas, parecem urnas de alabastro cheias de vinagre.

Diogenes.

POLITICA COLONIAL

Chamamos a atenção dos nossos leitores para o interessante artigo de *Hippolito Segredo*, assim intitulado e que hoje archivamos nas nossas colunas.

POLITICA COLONIAL

A força desconhecida que regula a marcha da humanidade, que atravez dos seculos marca a cada raça o logar que deve ocupar na especie; a que traça as linhas geraes que, para cumprir a lei do progresso, devem seguir os povos; aquella que, sem cuidar de civilisações, nem de estados de cultura,—como se diz agora, falando-se do aperfeiçoamento das raças—varre implacavel da face da terra os povos que deixaram de ser necessarios.

A força que quer as invasões e as guerras, precisas para a selecção ou depuração; a que não se preocupa por um milhão mais ou menos de homens aniquilados, procede indubitavelmente por colétividade, sem que o individuo e o tempo as interessem.

Para fugir da lei inexoravel da destruição, que não é senão um aspecto da synthese da vida, precisam as raças de uma vitalidade que poucas reúnem.

Algumas, potentes na apparencia succumbiram quasi sem luta, quando outras as atacaram.

Outras, reputadas debéis, resistiram a aggressões constantes em todas as partes do mundo, sem ficar anuladas.

As perseguições e derrotas fizeram que todos os vencidos se grupassem estreitamente e que, formando núcleo, podessem com facilidade repellar todo o ataque, assim como toda a ingerencia de elementos estranhos.

Em tal caso se encontra a raça semita.

Exemplo vivo de que a solidariiedade e a confiança nas proprias forças podem mais que a malevolencia alheia.

E em outro caso, no de ficar anuladas aos primeiros contatos com outras raças, estão todas as invasões que marcam os limites entre a idade antiga e a idade media.

Dando, pois, por asentado que a humanidade procede por *massas*, não é para admirar que os povos que hoje se reputam—á falta de quem o faça no futuro—representantes da quinta essencia da civilisação, prescindindo de escrupulos, que em politica cheiram mal, se empenhem em destruir pela força bruta povos e civilisações atrezadas.

Os neo-anglo-saxões do Estados Unidos, destruindo pelo ferro e fogo as raças indigenas do Novo-Mundo e tratando de absorver na sua esphera de acção as republicas neo-latinas; os anglo-saxões de raça aniquilando os australianos e neozelandezes a pretexto de que se opunham á marcha do progresso, são exemplos vivos do que dizemos.

A Holanda, a Hespanha e Portugal foram tambem grandes povos civilisadores.

Respeitaram muito mais que os anglo-saxões as raças vencidas, embora lhes causassem grandes danos e cometessem o peccado da destruição e do abuso do poder.

Agora, mais do que em qualquer época, se manifesta a febre da dominação e da colonisação.

A França, a Inglaterra, a Alemanha e a Russia, entre outras nações civilisadas são as que mais se preocupam em adiantar a sua marcha invasora.

Muchas e outras conquistaram em pouco tempo estensões enormes de terreno e ainda querem conquistar mais.

D'ahi nasce entre ellas uma rivalidade que em breve prazo as le-

vará a um grande choque; d'ahi resulta que nenhuma d'elas se preoccupa da sorte que se deparam ás raças que aniquilam á larga, dominando-as desde principio.

Prescindindo de considerações que a sensibilidade e a compaixão podem sugerir, vem a proposito perguntar se ha alguns d'esses povos que vae ganhando com as conquistas ou usurpações que tem feito.

Talvez a Russia seja a unica nação que possa responder afirmativamente; mas a França e a Inglaterra,—e a Alemanha e a Italia que lhes seguem os exemplos—perdem, com certeza, dando espansão desmedida ás suas forças, tratando de alargar de um modo espantoso os seus dominios.

Por agora todo o mundo vê que a Inglaterra se apodera de territorios enormes, enchendo o seu incommensuravel estomago de giboia com as colonias portuguezas em Africa, mas ninguem adverte que, com o andar dos tempos, será isso uma cousa de fraqueza para ella.

Assim como os Estados-Unidos se separam d'ella, o Canada, a Australia, o Cabo e a India farão o mesmo.

As colonias africanas, que se estão agora creando,ão de brevemente sentir a necessidade da vida autonoma.

Percebem isto os politicos inglezes, e contudo persistem nos seus planos colonizadores.

Quando todas as colonias tenham vida propria; quando o povo que com o seu poder expansivo consiga crear novos povos, se encontre reduzido ao nucleo que tinha antes de derramar a sua energia, então se achará debilitado pelos esforços que fez, sem vigor para os repetir e padecerá da sorte de todas as raças, de todos os organismos.

Sabem isto os politicos inglezes, e tambem os francezes que vão á Argelia, a Tunis, ao Tonkim, ao Senegal e a Madagascar.

Porque essa mania colonizadora? Por uma razão muito simples: porque as raças, assim como os individuos, deixam muito de proceder por vontade propria.

Por que ha uma força que as impele a seu pezar, imprimindo-lhes rumo e designando-lhes fim.

Porque a rebelião contra essa força é impossivel; e porque obedecendo aos seus mandatos, se cumpre a lei da evolução, necessaria para a vida dos individuos e das raças.

E' esta a explicação mais racional que póde dar-se acerca da insistente mania colonizadora que se manifesta febrilmente nos povos civilisados, e que, com o decorrer dos tempos, redundará em prejuizo d'elles.

Hippolito Segredo.

CONTOS E NOVELAS

MADAME DE MONTBAZON

De Louis Bertrand

«Madame de Montbazon era uma gentil senhora que morreu de amor, no seculo passado, pelo cavalleiro da Rue que não a amava.»

Saint-Simon (Memoires.)

A aia collocou sobre a meza um vaso de flores e as velas de cera, cujos reflexos espelharam de vermelho e amarelo os cortinados de seda azul da cabeceira do leito da doente.

—«Acreditas, Marieta, que ele vem?»

—Oh! dormi, dormi um pouco, Senhora!

—Sim, dormirei bem depressa, para sonhar com elle durante toda a eternidade.»

—Ouviu-se alguem subir a escada.

—«Ah! E se fosse elle!» murmurou a moribunda sorrindo, a falena dos tumulos já poisada nos labios.

Mas era um pagenisinho que trazia da parte da Rainha, a senhora Duquesa, confeitos, docas e licores em cristaes finos sobre uma enorme bandeja de prata...

—«Ah! Ele não vem!»—esclamou a triste, com voz desfalecida—ele não virá!

Marieta, dá-me uma d'essas flores para que eu a respire e a beije pelo amor d'ele...

E, logo apóz, Madame de Montbazon, cerrando os olhos ficou inovel.

Tinha morrido de amor; a sua alma avolára-se, confundindo-se no perfume de uma rosa...

Lyster Franco.

O VENDAVAL

O anno começa por uma invernia rigorosa—Chuva e mais chuva—Ventos, cyclones e tufões—Inundações, desastres e prejuizos—Notas

Desde meados de janeiro, mesmo quando os lavradores começavam a resmungar varias apostrophes *ad petendam pluviam* entrou a cahir d'essas alturas com fartura, pela chuva persistente e, até hoje nem mais houve descanso, arrastando-se já quasi um mez por entre uma tremenda invernia.

Agua, agua e mais agua e para desenfatiar um vento temivel, em tufão, assoprando as casas, desarraigando arvores e enrascando por esse mar fóra os pobres pescadores colhidos de surpresa e apanhados pelo temporal.

Os campos alagados, as amendoeiras acossadas pelo vento e pela chuva largam a flor, o trigo quasi afogado difficilmente tomará alento.

Eis o triste espectáculo que ofe-

rece a primeira quadra do novo anno.

Ao que nos parece, em todo o paiz se tem feito sentir tão rigoroso vendaval, mas não ha duvida de que sobre o Algarve elle tem insistido com desvairada violencia.

Os serviços de comboios da linha do Sul tem padecido de uma quasi desorganisação completa, obrigando-se alguns comboios a dois trasbordos e chegando com atrasos de um dia, seis, oito e dez horas, devido ao desabamento de algumas trincheiras.

Pelas praias e armações o temporal arremete com furia, o mar amedronta os velhos lobos e os desastres e prejuizos são avolumados.

Na armação do *Livramento* o mar cobriu a ilha vindo lancar se ao rio depois de ter investido com as ca-

banas que destroçou e com as casas que arrombou, inutilisando muito material, cortiças, redes, material de pesca; lá foi boiando ao sabor da borrasca.

Nesta cidade também houve alguns prejuízos. E em outras terras do Algarve, pelo que nos consta, o vento e as águas igualmente fizeram destroços.

Na povoação de Santa Luzia a água invadiu varias casas danificando consideravelmente os seus proprietários. No rio fez-se sentir vagarosamente a chuva constante dos ultimos dias trazendo-nos uma cheia na noite de quarta para quinta que invadiu a borda d'agua da Asseca e causou uma verdadeira inundação no bairro Jara onde os pobres habitantes se viram em serios embarços com a triste mobília a nadar, enquanto do céu do telhado a chuva lhes vinha repassar os ossos!

E felizmente ter a água da chuva coincido com o vazante de uma maré fraca porque do caso contrario teriamos a lamentar peores succedimentos.

Em Faro, Olhão e Villa Real de Santo Antonio tem-se sentido igualmente toda a violencia do tempo. Nesta ultima villa as chuvas consecutivas fizeram que se enchessem completamente d'agua uns terrenos baixos proximos da estação do caminho de ferro offerecendo o aspecto de verdadeiros lagos d'uma extensão consideravel.

Ao mesmo tempo as aguas do Guadiana e ribeiras adjacentes ao Algarve engrossavam consideravelmente.

Isto deu origem a que em Villa Real se receiasse uma inundação na villa, obrigando a pedir soccorros de immediata prevenção ás povoações proximas como Faro, Olhão e Tavira.

Efectivamente na tarde de terça feita seguiu para Villa Real o pessoal de Salvação Publica de Tavira com 2 bombas e o material que foi possivel levar no comboio.

Na noite e manhã seguinte seguiram o pessoal e material das Associações de Soccorros de Olhão e Faro.

Felizmente o rebate e a chamada de soccorros que haviam causado um verdadeiro panico não eram completamente justificados parecendo que houve um lamentavel exagero.

Na noite de sexta as linhas telegraphicas ficaram completamente interrompidas entre Faro e Tavira. Chegaram tambem noticias de grandes estragos causados pelo vendaval, nos campos, nos sitios de Santa Catharina. Santo Estevam e Luz.

Pedem-nos a publicação da seguinte carta:

Sr. Director d'O Herald;

Declaro satisfatoriamente liquidado o meu incidente com *Senampidio*. Todavia umas inoffensivas phrases do seu *post scriptum* exigem da minha parte uma satisfação ao publico.

Diz o illustre epistolographo que en me confessei reconhecido ao novo regimen por certos beneficios, como a dispensa de propinas, etc.

Para que se não attribua o meu reacconarismo a sordidos despeitos, eu costumo advertir por vezes, como o fiz a *Senampidio*, que a Republica não veio ferir me uos meus interesses. Mas, até que ponto vai a minha dedicação pelo regimen, ainda o não disse a ninguém; hei-de diz-lo um dia, quando se me desvanecerem as ultimas illusões. Como amostra, devo salientar por entrelanto que desde ha tempos vemos reclamando justiça perante as autoridades da Republica, e estas, quando me não insultam, respondem-me com sorrisos sarcasticos.

Quanto á má vontade a que *Senampidio* se refere; tenho uisso muito orgulho e honra, pode crê-lo. Como, porém, todo o veneno tem seu antidoto, apraz-me verificar que a minha attitudem merecido a approvação das pessoas de bem.

Aperlo a mão a *Senampidio* com muito agrado... au revoir.

Faro, 8 1912.

Manuel da Silva Ramos.

A ÁRIA DA CALUNIA

Em travesti de D Bazilio, «O Povo Algarvio» deu-lhe agora para entoar a ária da calunia.

Não o felicitamos.

Toda a gente sabe que o «Povo Algarvio» tem sido sempre um jornal de combate, violento, por vezes, é certo, mas atacando de frente, sem subterfugios nem rodeios.

Os seus doctos poderiam ser injustos, verrinosos o seu fraseado, mas lograva sempre impôr-se por um tal ou qual cunho do franqueza rude, que davam este semanario *anti clerical* um lugar de destaque na imprensa da nossa provincia. (1)

Mas, isso foi em tempo!

Desde que nas suas colunas começaram bolsando dispanterios larvas escriptas, com a chancela de S. Fiel; desde que espiritos tacanhos, nascidos entre a obscuridade do mais feio reacconarismo começaram fazendo do «Povo Algarvio» o estendal do seu odio aos velhos liberaes do Algarve, a calunia passou a ser a arma de combate d'aquella jornal e a insidia substituiu a critica serena, imparcial e levantada que tantas vezes lá encontrávamos.

Tudo mudou!

Sem mesmo nos occuparmos de evidenciar a incoerencia de uma folha que, dizendo-se *anti clerical*, achincalha a desassombrada e patriótica attitudem assumida pelo illustre ministro da justiça para com o clero rebelde, recortamos do ultimo numero do «Povo Algarvio» alguns sueltos da secção «Consta»; caluniosos sueltos, que revelam bem o espirito jesuitico e desleal de quem os escreveu.

Diz-se ali, entre dispanterios varios, caracteristicos de uma mediocridade enfatuada, que a fina-flôr do radicalismo reúne n'uma farmacia e que um dos proprietarios dessa farmacia foi preso nos primeiros tempos da Republica «por apparecer em Olhão, á frente de um grupo de pescadores da Fuzeta, com o intuito de dirigir os pescadores de Olhão a aderirem á greve».

Nada ha de mais calunioso!

Os que se occuparam, em tempo, deste assunto sabem perfeitamente quanto são falsas todas estas afirmações.

Se o escriba, que rabiscon taes dislates, tivesse cinco réis de bom senso; não se atreveria a vir assim abecanhar em publico e raso a reputação da pessoa a quem se refere no seu estendal de odios e que é o nosso presado amigo sr. João Ramos.

Dê-se ao trabalho de falar no caso ao deputado Gil, e ele lhe dirá, por miudus, como as coisas se passaram.

O farmacêutico sr. Ramos não incluiu os maritimos á greve, apenas deliberou apresentar-se em Olhão, á frente d'eles para evidenciar com a sua attitudem que não era o perseguidor da classe maritima da Fuzeta, como os reacconarios tinham espalhado.

Em Olhão, o capitão do porto, seu amigo particular, fez-lhe ver que, não sendo marítimo, não lhe cumpria acompanhar a gente d'aquella classe, nem dirigir a nas suas reclamações e o sr. Ramos retirou-se espontaneamente.

Não foi preso, nem podia sê-lo porque nenhum delicto tinha cometido, nem lhe passava pela cabeça *criar dificuldades á Republica*, como o escriba insinua.

Dificuldades, sim, levanta-as o escriba, acirrando odios e esquecendo-se de que, se agora é republicano é tão somente por dedicação á... politica *paparrêta* que professa.

Diz ele mais que o farmacêutico Ramos pertence ao partido radical democratico!

Mente!

O sr. Ramos apesar de não ter praça assente em nenhum centro politico, é um acerrimo admirador do sr. Antonio José de Almeida e como tal professa a politica do já famoso bloco conservador.

Vê-se que nem os correligionarios poupa, o insidiosos escriba!

Mas não foram aqui os dislates do reacconario rabisgador.

Diz ele, na sua prosa mascarada, que os radicaes querem fundar um jornal em Faro e que para tal fim

compraram a typografia do antigo jornal franquista «O Sul».

E' mental!

Jesuiticamente, caluniosamente, passa depois o escriba a fingir que se admira da «coincidencia dos redactores do jornal e o tipo das maquinas escreverem e imprimirem precisamente o contrario do que escreviam e imprimiam d'antes».

E' difficil encontrar nas colunas de um jornal um tal conglomerado de mentiras e trapaças!

Não sabendo atacar, mais uma vez calunia, o escriba!

Oiga, a larvasinha!

No partido radical não ha franquistas e que os hovesse nenhuma autoridade tem o «Povo Algarvio», ou a miuhôca que abusa das suas coimas, para referir-se ao assunto, porquanto ainda ha bem pouco tempo esse jornal festejou com musica e foguetes de retórica o ingresso de um antigo *talassão*, cujo nome não vem para o caso, nas hostes bloquistas locais.

Nenhum dos redactores do futuro jornal teve praça assente no franquismo, antes, um d'eles, cujo nome só devia merecer a larvasinha, simpatia e consideração, foi um dos mais acerrimos adversarios do franquismo, combatendo-o na imprensa desde o artigo de fundo até ao mais simples sueltos.

Tudo isto é bem facil de provar e está ainda na memoria de todos.

Quanto ás referencias aos admiistradores do concelho dos ominosos tempos da *crapulosa monarchia*, que pretenciam a *associação catolica*, apenas diremos ao escriba que continua a mentir, fazendo insinuações que não pode provar.

A cerca do que bolsa sobre *Senampidio*, apesar de se ter enganado na posta, só lhe dizemos como um seu filosofissimo correligionario: «não ofende quem quer».

Do que fica exposto bem podem os nossos leitores avaliar quaes os processos de certos jornalistas *bêra*, talhados á faca aos quaes, a bem de tudo e de todos, apenas resta um caminho a seguir: procurar outro officio.

Desculpem-nos se acentuámos este artigo com termos que raramente empregamos.

Mas... fomos provocados e caluniados.

A nossa indignação, ainda que atenuada pelo natural desprezo que nos merecem certos processos jornalisticos — *arte-nôva*, desculpa-se e justifica-se...

(1) *Advertencia*—Permita-nos o nosso presado camarada autor deste artigo a seguinte advertencia que deve tornar-se publica. Os conceitos expressos n'aquelle paragrafo e no antecedente são o reflexo de sua opinião pessoal que respeitamos.

Não podem porém, tomar-se como de responsabilidade colectiva da redação do *Heraldo*.

ECHOS

No SENADO

O nosso nutrido colega Faustino da Fonseca, aquelle celebre senador literariamente acusado do assassinio de «D. Inez de Castro», barafustando contra as coisas do ensino, lembrou-se de dizer esta grande verdade:

«Existem professores bons e maus, mas estes são o maior numero».

E acrescentou:

«Uma reforma de ensino secundario só feita por professores seria, sem duvida, má, mas com os paes dos alumnos, então, peor».

Está-se a ver que tal reforma só ficará boa feita pelo proprio sr. Faustino... mas com a condição de não matar alguma disciplina...

POLITICA... PAPARRÊTA

Alguns *squalos bacharelizoides vermelhuscos* trabalham afanosamente para constituir um centro politico, destinado á salvação da Patria e... das batatas.

Ao que consta o novo centro seguirá a politica... *paparrêta*.

FILOSOFISMO

Na ultima reunião da comissão municipalissima Píulas Píuk, de Faro, o sr. presidente, a proposito de um artigo critico do *Heraldo*, e esquecendo estas substanciosas palavras de Poicacaré:

«não nos devemos queixar amargamente do ardor e da violencia de certas polemicas. Ha até no excesso uma prova de actividade moral do paiz, e mais valem talvez os exageros da linguagem do que a indiferença e a atonia», produziu um monumental discurso zoologico, mimoseou-nos com varios adjetivos transcendentis chegando á conclusão de que não ofende quem quer.

Tal qual, sr. presidente!

Todavia nós ficaríamos ainda mais recontecidos a S. Ex.ª se, em vez de um monumental discurso zoologico, nos dissesse como foi possivel custear o arranjo do calceteamento da rua, em que móra aquelle nosso amigo, que nunca hade chegar a gálo, depois de se ter dito para ahí que os *dissolvidos* tinham limpado o cofre camarario.

E' uma pergunta simples e... perguntar não offende.

FANTASTICO

Chegam-nos informações de que alguns *squalos bacharelizoides vermelhuscos*, antigos alumnos de S. Fiel, pensam em requerer a pensão que a lei da separação da igreja do Estado instituiu para os ministros da religião catolica, alegando pretensoes di rectos adquiridos pela convivencia com o *padralthismo*.

Dada a fenomenal voracidade dos sobre ditos *squalos*; não ficamos surpreendidos.

São dançados os *bichinhos*!

INCOMPLETA

Saiu incompleta a secção *consta*, do «Povo Algarvio».

Faltou isto:

«Consta que o joven bacharel Alvaro Judice vai deixar de ser sobrinho do seu tio, o sr. secretario geral, afim de poder legalmente desempenhar o lugar de auditor administrativo da comarca de Faro».

«Que nem todos os *squalos bacharelizoides vermelhuscos* são... ingratações».

«Que a fina-flôr da politica *paparrêta* não larga as abas da sobre-casaca do chefe do distrito».

«Que alguns antigos alumnos do collegio de S. Fiel gostam de pregar paões em letra redonda abuzando assim dos jornaes em que rabiscam».

A HEIROINA DA ROTUNDA

Recebemos um elegante volume do professor e publicista sr. Henrique de Carvalho. Tem por titulo *A Heroína da Rotunda* e historia de acontecimentos da revolução infiltrando na narração um urdimento interessante.

Custa 300 reis remete-se a quem enviar essa importancia em estampilha ao autor—Rua do Telhal 32 Lisboa.

Foi vendida a massa fallida do antigo estabelecimento de José Soares Mansinho por seis contos trezentos e cinco mil réis.

Foi comprador o comerciante de Olhão sr. José dos Reis Silva.

GENTE NOVA

A UMA FOTOGRAFIA

(IMITAÇÃO)

Nessa moldura de cristal De transparencia tão mimosa, Eu julgo ver o original, Figura esbelta, deliciosa.

Seus olhos negros rutilantes, Espelho audaz do coração, Tem a pureza dos diamantes E do luar mago clarão!

Inspiram n'alma só anelos, Loucos anceios juvenis... Paracem rir seus labios belos, Que são morangos ou rubis.

Num ar longão, entreabertos, Eu penso até que vão falar; São confidentes sempre certos, Sonhos d'amor vão segredar!..

Tu vives longe, visão qu'rida, Já me não tens o amor doul'ora, Porém jamais será esquecida A tua imagem sonhadora!

Tavira Laurinda Seritram.

CARTA DE FARO

A VENTANIA, A CHUVA E O PLUMITIVO—ESPIRITOS BONS E MAUS—AS HORTALIÇAS E OS NABOS PERANTE A CHUVA—AINDA OS MALEFICIOS DO REACCONARIO PADRE ETERNO—PROPÔE-SE LHE MAIS UMA VEZ UMA SINDICANCIA—UM FORTE ATAQUE DE REUMATICO E UM ARTIGO DE XAVIER CORDEIRO—TEOFRASTO, DIOSCORIDES E PLINIO—NABOS, NABOS E MAIS NABOS—MOLIERE E SGANARELO—A PRINCEZA DE BISMARCK E OS NABOS—DELILLE E OS DITOS—UM DITADO ANTIGO—DA INFLUENCIA PREPONDERANTE DOS NABOS E DO MAIS QUE SE DISSER—PREGÃO, CURIOSO—UMA INVESTIGAÇÃO LEXICOGRAPHICA—O PADRE BLUTEAU NA BERLINDA—LOCUÇÕES PORTUGUEZISSIMAS—COISAS VARIAS E AVARIADAS E ETC, ETC.

A falar a verdade nem sei como ei de começar.

Perante esta ventania furiosa que me fustiga as janelas, perante estes tremendissimos aguaceiros, que nos encharcam até á medula, o meu espirito, que por sinal, não é bom nem mau, antes pelo contrario, retrae-se, mingua que nem dinheiro em mão de pobre.

Bem sei que a chuva é tão necessaria á terra como o pão para a boca, mas, já chove ha um ror de dias e tudo quanto é demais não presta.

Dir-me-ão que a chuva é propicia ás hortaliças em geral e particularmente aos nabos, mas nem assim me resigno perante mais esta prepotencia do reacconario Padre Eterno.

Contra a chuva e contra o vento que tanto nos teem causticando nestes ultimos tempos, bom seria que algum dos illustres paes da patria traísse de achar remedio.

Quanto a mim opino, que nunca tanto como agora se impoz uma sindicancia ao velho Pae do Ceo.

Todavia e já que falámos em nabos, consenti, amabilissimos leitores, que vos dê conhecimento do que sobre eles escreveu Xavier Cordeiro...

E' um artigo interessante finalmente ironico e bem digno sob todos os aspectos de ficar arquivado n'estas substanciosas cartas, agora que um forte ataque de reumatico impede o plumitivo de andar á busca de noticias frescas.

Eil-o:

«Não sabemos se Teofrasto, Dioscorides ou Plinio, os tres naturalistas mais antigos de que reza a historia escreveram, ou escreveu algum d'eles o *capitulo dos nabos* á semelhança do celebre *capitulo dos chapus* que o Sganarelo de Moliere attribui ao grande Hipocraes.

Mas se eles o não escreveram vamos nós faz-lo, e os leitores nada perderão com isso, porque ficam dispensados de o lerem em laim.

Conta-se que a princeza de Bismark, conversando um dia com uma alta personalidade politica do seu paiz, e percebendo, no decotret da conversa, os primeiros indicios do ostracismo, a que em breve seria votado o nobre chanceler, lhe dissera com mal disfarçado despeito:

—Meu marido aprecia mais um nabo do que toda a vossa politica! Era uma illusão da illustre princeza.

O velho Bismark despojado do seu alto cargo, foi para o seu castello provinciano tratar dos seus nabos e das suas batatas, mas nunca se conformou com esse retro forçado que representava o aniquilamento completo da sua antiga importancia e poderio.

Apezar d'esta referencia aristocratica, com que abrimos o *capitulo dos nabos*, não podemos deixar de reconhecer que eles constituem no reino vegetal, uma especie modesta e sem pretensões.

E comtudo Delille teve a fantasia de querer que figurassem nos jardins, ao lado das flores mais belas, os desprestenciosos nabos e as humildes couves, suas proximas parentas!

A coté de vos fleurs aimez á voir esloire Et les zhoux panachés, que la pourpre colore, Et les navels sués, que l'écumeuse a nourris

Creio piamente que ninguém se lembrou de tomar a serio o singu-

ar conselheiro do poeta didático, misturando nos jardins as flores e os nabos!

Não pôde ser nem deve ser. No jardim as flores, os nabos... no nabal, e com chuva em abundância, para os tornar macios e bons.

Sol na eira e chuva no nabal, dizem os nossos lavradores.

Os nabos gosam de grande popularidade na nossa terra.

D'elas se faz em Lisboa um consumo importante, e no tempo próprio são vendidos por todas as ruas com o conhecido pregão: *Mérca a mão de nabos!*

E aqui temos nós um parágrafo interessante do capítulo dos nabos, se quizermos investigar qual a origem e a razão de ser d'esta locução—*a mão de nabos*.

O Padre Bluteau, que tinha a pretensão de explicar todas as locuições, mas que nem sempre era feliz na empresa, diz a tal respeito o seguinte:

«Costumamos dizer *mão de nabos* porque os nabos em molho teem alguma semelhança com os dedos de uma mão.»

Nesta parte, que nos perdoem os manes do venerando lexicógrafo, mas perdeu uma excelente ocasião de estar calado, pois a explicação que dá é disparatada.

Mão de nabos é evidentemente de *mão cheia* de nabos, e nada mais.

Esta é a nossa opinião, que aqui deixamos expressa com a máxima clareza, para que se não diga que vendemos nabos em saco.

E com mais esta locução portuguesa, fica encerrado o capítulo dos nabos.

Gostaram?

Deviam ter gostado, que o caso não é para menos.

Certo é que não me ocupei dos casos da semana, ocorridos nesta cidade da Virgem, que não falo dos *chêiques* da luz elétrica, nem dos bombardeamentos multuães que tem sido impostos á respeitável companhia.

Tudo por causa da chuva.

Au revoir. Saude e bichas. *Senanpidio*

Salão 1.º de Maio

No proximo sabbado 17 realisa-se no Salão 1.º de Maio uma recita de academicos nossos patrióticos, em favor da Caixa de Beneficencia dos Estudantes Pobres.

Sobem á scena as duas comedias.

Quem se mette com rapazes e Uma Casa de Estroinas alem de varias cançonetas e monologos.

Os billetes por-se-ão á venda na proxima 4.ª feira.

NOTICIAS MILITARES

Foi transferido para a situação de reserva com o soldo de 86\$400 reis o tenente coronel d'Administração militar sr. Marcelino Jordão de Almeida.

Desistiu de ir servir nas colonias o tenente de cavalaria sr. Amorim Pessoa.

Fixou residencia em Vila Real de Santo Antonio o capitão de infantaria que passou á situação de reserva sr. Augusto Gezar Lopes Mascarenhas.

POETAS

APARIÇÃO

(De "VICTOR HUGO"—As "Contemplações")

Vi pairar sobre a terra um anjo branco, E, ao seu fulgido voo, a tempestade Suspendia o bramir, e o mar ruidoso Calava a grande voz. — «Anjo, eu lho disse, Que vens fazer á noite em que vivemos?» — E o anjo murmurou: — «Roubar tu' alma. — Vi que era u' mulher, e tive surto, E disse-lho, estendendo os braços tremulos: — «Com que hei de então ficar, pois que teu voo Levára d'aqui longe?» — O firmamento Ia-se desbotar. ... Mudo era o anjo; E eu bradei-lhe outra vez: — «Se vens roubar m'a, Onde tens de subil-a? a que parages?» — Igual mudez ainda. — «Ajoio lornoso Do céu azul, disse eu, és tu a Noite, Ou és antes a Vida?» — A morte imensa Sobre mim fluclava, e o ser divino Ia tornando como os céus, obscuro! — Eu sou o Amor, — disse elle, e a pura fronte Tinha inda assim mais bellá do que a aurora, E na sombra, onde já se descobria Do suas claras orbitas n' lume, Eu comeccei a ver, das azas suas Por entre as penas, do infinito os Astros!

Guilherme Braga.

GRANDE E HORRIVEL INUNDAÇÃO

OU
O NAUFRAGIO
DA NAU CATHERINETA

(Que tem muito que contar)

Tragedia-burla em 4 actos e N scenas comicas copiadas do natural por um amphibio que escapou á maresia.

Epoca = Período glacial

Acto I

Em Tavira. A's 4 e meia. Cada chacin está atrombando com todo o ripanso.

PERSONAGENS

Um badalo..... N. N.
Outro badalo..... N. N.
Ainda outro badalo... N. N.
Mais outro badalo... N. N.

Bombeiros, bombas, material da Bomba, e outros perlices da bomba

Um badalo — Tlão! Tlão Tlão Tlão Tlão!

Outro badalo — Tlão Tlão Tlão! (Pausa. 1.º badalo sae).

O Badalo — Tlão Tlão... (nunca mais acaba).

Um bombeiro — E' fogo. Desanda; onde sará?

Outro — Mõça, não ouves? Arrenca d'ahi!

Os vizinhos (á janela, muito brancos) — Mas o que é isto?

Um popular — E' a Villa Aquella que está a arder com tanta agua.

Veiu um telegrama chamando gente. Parece que ha muita somma de pipas de mortes. O Guadina expulsou. Os poços deitam fóra. A chuva trasbor-da. O snor corre pelas ruas. A humidade sahio do sen leito. Não contando o cuspo que está sendo enca-

nado p'rô rio...!

Os vizinhos (parvos) — Santa Barbara! Santa Barbara!

Um badalo — Tlão Tlão Tlão.

Um apito — To i ti ti.

Um sujeito — Oh Antonio espera ahi. Então já sabes. Lá se vae a Villal Dizem-me que anda tudo já a nadar.

Ha casas que estão... enterradas em agua. O comboio que chegou ás 17, lá se foi por uma valeta ahaixo. A estação desapareceu.

O outro — A quem o dizes. Olha, parece que o F. já recebeu aviso para se metter n'uma Arca com os animais.

—Oh diabo. Então é seriol Vamos a vêr?

—Espera ahi um estantinho vou buscar as botas altas e o impermeavel...

Acto II

EM VILLABOIM

(No fundo do mar)

Um robalo — Eh! Camarada! Olha lá!

Um carapau — Viva seu robalo então o que traz por cá?

—Eu te digo. Mandaram chamar para fazer creação alli no charco da estação. Parece que vem ahi muita gente á pesca e querem offerecer-lhe peixe fresco.

—Então que me dizes a esta cheia, hein.

—E' verdadeira. Nunca fui arrastado n'uma coisa assim!

—E sabes, veem ahi bombas de fóra p'rô serviço.

—Elle tem sido um diluvio. Olha; ao depois fui eu ao de cima e ouvi um sujeito muito escamado (sem offensa, amigo robalo) a dizer assim:

—Bolas p'ra tanta agua. Irra que é d'uma pessoa se zangar. Até já tenho os pés lavados!

—Ah querido carapau, ainda isso não é nada! Aqui ha meia bora estava eu em frente da fabrica do T. quando vieram pôr um edital. Eu puz uns oculos de barbas de baleia e o que li:

—Previne se o povo d'esta lamentavel villa que é prohibido fazer chi chi nas ruas sob pena de a agua chegar aos solãos.

Carapau — Isto é que são medidas! Também se não lbe acodem a tempo...

Uma sardinha de lata (pelo Fundo) — Uff venho estafada, fihinhos. Felizmente abriam-me a lata agora mesmo, e eu dei um pulo p'ra fóra e vim beber uma gotinha d'agua. Ha

tanto tempo encafuada ali dentro, com sede. Tem sido um regalo. Já hebi uma golada que fiquei mesmo fresquinha da costa. Engoli meia cheia...

Robalo — Bom, então vamos lá avisar os homheiros, que já não são precisos...

Acto III

(Vista Panoramica)

Ao longe, á luz dos archotes um cavaleiro domina o fragor das aguas. Rebriha-lhe o barrete doirado e um machado. O cavalo que sahio para passar as aguas dominadoras, cospe nas patas para se dar a ilusão.

A' D. B. uma estação do Caminho de ferro. Um comboio pronto a partir. Entra muita matulagem—Silva—Marcha.

N'UM COMPARTIMENTO

—O seu bilhete?

—Faz favor de tirar...

—Mais 25 por cento.

—Ora essa!

—São mais quatorze e meio.

—(entre dentes) Que ladroelral Vo-cé tambem arranja hoje uma cheia...

nas algeiras, hein!

—O seu bilhete?

—E' de 3.ª Tem que pagar uma segunda por inteiro.

—(entre dentes) Má raios te partam mais a cheia e a inundação e quando eu cá vim.

—O seu bilhete?

—Enf! Sou da Bomba de Tavira.

—O senhor?

—Idem, de Olhão.

—O senhor?

—Aspas, de Faro.

—O senhor?

—Da bomba, filho, da bomba. Is-

so fui concurso Bombas?

—Não sei cá d'isso!

Acto IV

A' sahida d'uma estação. Descem dos vagons. A' porta de sahida está uma grande regueira.

Um passageiro que vem á pressa mette as sapatellas e salpica todos.

Outro passageiro:

—Arre seu bruto. Ora esta! Fui á inundação não me molhei e agora vem este selvagem e encharca-me até aos ossos...

Coro de blasfemias. A indignação trasbor-da. A maré de protestos sobre.

A cheia continua...

Cae o pano.

NOTICIAS PESSOAES

Fazem annos:

Hoje, 11—D. Maria das Dores Barroso Sanchez, D. Maria de Lourdes Ferreira, D. Maria Helena da Silva Pinto, Francisco Gonçalves Pinto.

Segunda, 12—D. Maria Luiza Fructuoso da Silva, D. Concha Azevedo, D. Clara Abecasis Fernandes Vargas, D. Maria Victoria de Mattos Cumano, D. Rita d'Oliveira Gomes, D. Enlalia Pires Canadon, Rodrigo Ferreira Aboim, Fernando Barbosa y Pego, padre José Parreira Espada.

Callapez, tenente Joaquim Correia.

Terceira, 13—D. Augusta Xavier da Silva Mello e Sabbo, D. Maria Garcia Rendes, D. Branca Veridiana Allarra Cruz, José Francisco Travassos Neves.

Quarta, 14—Emilia Garcia Ramires, João Franco Pinto Castello Branco, Veriato Antonio Georreiro e a menina Briles Baptista Falcão.

Quinta, 15—D. Jovita Clara de Moura, D. Rita Augusta Celorico Tamissa Barreira, dr. Malheus Teixeira d'Azevedo, Torpes José Gomes Apolonia, José Cortes Ferreira de Sousa, Joaquim Eduardo dos Santos, o menino Antonio Ramires.

Sexta, 16—D. Maria da Conceição Silveira, Antonio Fernando do Rego Chagas.

Sabbado, 17—D. Catharina Sanches Ortigão, o menino Joaquim d'Avellar Santos.

Esteve doente, mas passa melhor a sr.ª D. Maria das Dores Caleça, proprietaria do Hotel Calleça.

Com sua esposa partiu para Lisboa o sr. Oomings José Soares.

Esteve em Tavira com sua prima D. Isabel Rocha a sr.ª D. Rosa Branca Celorico Gil.

Esteve em Tavira o capitão de infantaria sr. Augusto Cesar Lopes Mascarenhas.

Esteve n'esta cidade a sr.ª D. Maria Soleiro Padinha.

Vimos em Tavira o sr. Francisco de Carmo Sousa, amanuense no governo civil.

BAILES

Estiveram animados os dois únicos bailes de mascaras realizados no Club Tavirense, na Alagoa.

Hoje comecam no referido Club as recepções a mascaras até ás 11

horas seguindo baile familiar.

OS QUE MORREM

No dia 5 falleceu n'esta cidade na idade de 13 annos a menina Theolinda das Dores Laranjo filha do cabo do mar sr. João Laranjo.

O funeral que foi muito concorrido realison-se no dia seguinte pelas 16 1/2 horas, de casa da finada para a igreja de S. Francisco pegando ás borlas do caixão as meninas: Almeida Eulalia Palma; Enlalia do Carmo; Adelaide Ondas; Maria José Machado e ao caixão os meninos: Manoel João de Brito; Manoel Duarte Santos; José Maria do Nascimento; José Francisco Peres.

Da igreja para o cemiterio pegaram ás borlas do caixão as meninas já mencionadas e ao caixão os srs.: Manoel dos Reis Soares; João Pedro; José Baptista Junior; Antonio Gonçalves Palmeira.

Conduziam bouquets de flores as meninas: Maria Clotilde Costa; Alzira Monica Fonseca e o menino Artindo Vicente do Carmo.

A menina Virginia Erlanda dos Santos conduzia um bouquet com fitas brancas franja a ouro e a seguinte inscripção:

A' sua querida Theolinda 5-2-912. Ultimo adeus de seus paes.

Na sexta-feira faleceu nesta cidade o sr. Francisco de Assis Leiria funcionario municipal aposentado.

O finado era pae das sr.ªs D. Georgina, D. Alice e D. Maria Leiria e cunhado do sr. Theodoro José Rafael.

O funeral realison-se hontem.

Mundo Ilustrado

Redigida por uma sociedade de homens de letras tendo á sua frente o distinto professor da Universidade do Porto o sr. Eduardo Pimenta, vae brevemente apparecer naquella cidade uma revista de grande formato, illustrada profusamente, com bellas photographuras como o prospecto que recebemos e que temos presente nos mostra.

O seu texto variadissimo constará de viagens de terra e mar, aventuras, mythos e religiões de todo o mundo, lendas e contos do Universo, sciencias, artes e actualidades.

E' propriedade da Empresa Pereira de Castro & Filho da rua de S. Ildefonso 125 no Porto e tem uma delegação em Lisboa, na rua Nova da Trindade, 48, 1.º onde desde já se recebem assignaturas.

Preço por assignatura 1\$750 rs. por semestre ou 850 por trimestre.

MERCADO DE GENEROS

Preço dos generos abaixo designados durante a semana finda

Trigo rijo..... 660 14 litros

Cevada..... 380 » »

Centeo..... 520 » »

Milho de regadio 560 18 litros

» » sequeiro 540 » »

Grão..... 800 » »

Chicharos..... 500 » »

Feijão cana..... 1\$400 » »

Feijão Villa Nova 1\$350 » »

» vermelho... 1\$300 » »

Feijão raído... 1\$350 » »

Aveia..... 380 20 »

Tremoço..... 360 » »

Gelo..... 800 » »

Farelo..... 220 » »

Limpadura.... 400 » »

Favas..... 700 » »

Aguardente... 1\$400 10 litros

» (figo). 900 » »

Vinho tinto.... 550 10 »

» branco... 800 » »

» licoroso... 1\$100 » »

Vinagre..... 250 » »

Azeite..... 2\$000 » »

Sal..... 35 10 »

Batata redonda. 500 15 kilos

Cebolas..... 600 » »

» doce.... 360 » »

Carne vacca 1.ª. 400 cada »

» 2.ª. 270 » »

» 3.ª. 200 » »

Ossos..... 140 » »

Carneiro..... 240 » »

Porco..... 240 » »

Ovos..... 25 réis o par

ADVOGADO

JOÃO CALLEÇA

TAVIRA

192

VARIA

VS VELHOS

O homem de cincoenta annos precisa muito menos repauso que um homem novo. Resiste mais tempo ao trabalho. Não necessita, por assim dizer, de distracção. Um mancebo poderá resistir durante maior numero de dias a trabalhar, mas não supporta o trabalho excessivo tanto tempo no mesmo dia como os velhos. cujos annos endureceram o cerebro e os nervos.

Os velhos estão sujeitos a menos tentações que os novos. Deminam os seus appetites e as suas paixões, pela razão de que uns e outros se acham amortecidos. Podemos contar com os velhos, seguros de que serão constantes.

Os velhos são mais leaes como amigos, se bem que tenham menos amigos que os rapazes. O seu amor a uma causa, a um interesse, á casa onde se empreguem, etc., varia pouco. Alem d'isso, o seu comportamento durante largos annos constitue só por si uma excellente fiança da sua conducta futura.

Por ultimo, são mais apegados aos affectos da familia e estimam a tanto que preferem perder a vida, a perderem o amor e o respeito dos seus.

PROVERBIOS CHINEZES

O que não pode dormir acha ma feita a cama.

Antes de fazeres as contas para comprar, faz as contas para vender.

Se neo queres ficar logrado nas compras apreça cada coisa em tres lojas.

Homem que não tem cara risinha escusa de abrir loja.

Os bons amigos depressa ajustam as contas.

Melhor é um diamante com uma rachado do que um seixo sem nenhuma.

Chamar o tigre para enxotar o cão.

Em quanto se guarda d'um tigre a porta da frente, entra o lobo pelas trazeiras.

Os passaros tontos são os primeiros a voar.

Arvore grande chama o vento.

Ha nas montanhas arvores direitas. Homens direitos não os ha no mundo.

Flaminio.

HORAS DE FOLGA

CHARADAS NOVISSIMAS

A vestidura dos monros, usa-se rasgada nesta villa—3—2.

A escrita arabica na musica usa o erudito—4—1.

A mulher foi, sem demora, pelo rio á ilha de Marajó—2—1.

MARIA DA FÉ.

Metade do navio vae a caminho da cidade—1—2.

No jardim de Tavira topei um metal de muita rjeza—2—1.

Olhão. ALPINO.

Decifrações do numero 1538

Talento—Tapahoca—Tinote

Enviaram decifrações certas os srs. So-Mar, Novato, K Marão e Alpino, de Olhão.

PIL RITO.

VARIA

LENDA JAPONESA

Segundo uma lenda japonesa, era uma vez uma mulher tão pobre que se viu obrigada a entregar seu filho a uma vizinha para ir servir de criada em casa de um rico, Samonvai.

Ao cabo de dois annos de ausência, tendo ganhado com que sustentar-se, a si e a seu filho, voltou a mulher à terra, tudo immediatamente à casa da vizinha.

Qual não foi, porém, o seu espanto quando a vizinha lhe declarou que era sua a criança e de modo nenhum a entregaria. Para resolver o caso, dirigiram-se à presença de um velho e sabio juiz, chamado Oka, e cuja fama de rectidão se estendia a muitas leguas em redor.

Tendo ouvido as duas mulheres, ordenou o juiz que a criança litigiosa fosse trazida e as duas mães lhe puxassem cada qual por seu braço, até que uma arrancasse a outra.

A estas palavras, a verdadeira mãe lançou a mão da criança com uma precaução, uma doçura em que se reflectia toda a ternura do seu amor, ao passo que a adversaria se apossava do entro braço com toda a força de que era capaz.

A criança soltou um ligeiro grito e, antes que houvesse chorado, abandonou a mãe. O braço que segurava desistindo assim de toda a possibilidade de reaver seu filho. Amigos que a haviam acompanhado ao tribunal, romperam a censural-a, mostrando-lhe a outra mulher que, já triumphante, levava consigo o bebê. Então, o juiz, que não dissera uma palavra e se limitara a examinar a scena com apparente indifferença mas, na realidade, com a mais profunda attenção, chamou a mulher e disse-lhe:

—Sois uma infame trapaceira. Os gemidos de dor d'esta criança que pretendes fazer passar por vossa, não vos despertaram o mais leve sentimento maternal. Nunca fuístes mãe!

E, ordenando-lhe que restituísse à adversaria a criança roubada, o Samonvai japonês condemnou a mentirosa nas custas e selos do processo.

PARA CURAR A INSÔNIA

Com o titulo de «Os progressos da Medicina», um jornal estrangeiro dá conta de uma curiosa Memoria sobre a insônia e a sua cura que foi o b-m recebida pela Sociedade Physiologica de Paris, pelas sensatas considerações que contém.

Para o medico a quem nos referimos, o sono e a insônia são acima de tudo, estados de alma que só encerram problemas de mecanica.

Começa estabelecendo que a insônia se deve a um estado de excitação esraordinaria dos calculos do cerebro, proveniente de duas causas inversas: estrema congestão ou escessiva anemia.

Sempre que a pressão do sangue nas arterias é demasiado alta ou baixa, se produz um profundo enervamento que impede de cerrar os olhos.

O abuso do chá, do café e do alcool, as emoções violentas e tudo o que estimula demasiado o sistema nervoso, motiva insônias pelo escesso de força que se imprime à máquina humana.

A insônia nos que padecem de inanición, os convalescentes de febres tifoides, os anemicos, os cloróticos, as nymrosas victimas de neuroses, os cardiacos no ultimo periodo, provêm da baixa pressão e de que a máquina humana não tem a energia necessaria.

Para a curar, basta adotar os seguintes metodos:

Quando o manometro indique uma pressão muito alta, gaste o escesso da vossa energia nervosa em exercicio fisico ou intelectual.

Um passeio de uma hora, sem cansaço, depois da ultima refeição, é sufficiente. Depois deitae-vos e o sono virá logo reparar as vossas forças.

O trabalho intelectual, sobre tudo de manha, alivia; mas de noite produz a vigilia em consequencia da excitação cerebral que se mantém de maneira prologada.

Os pobres de espirito, os que tem

esgotado o sistema nervoso, devem dormir com a cabeça baixa, alimentarse com abundancia, apelar para os recursos fisicos que elevem a pressão e deem força, para duchas, massagem, injeções hipodermicas d'agua salgada, fricções secas com unvas de crina e à maquina electrica estática.

A maior parte dos deprimidos que experimentam pronta reacção, não precisam de processos tão energicos: a mais ligeira excitação fisica, a luz da vela ou o som da voz, bastam para restabelecer o equilibrio do cerebro.

D'ahi que muitas pessoas debeis não podem conciliar o sono se no quarto não tiverem lamparina.

Mas a cura não é completa senão quando se submete os enfermos a uma regra, que poderia qualificar-se de «meliodisação de sono».

O dr. cita como exemplo uma observação singelissima, da qual haverá bom resultado.

Por espaço de quinze dias, diz ele, ponde nas 7 horas da manha o relógio despertador, e logo que a campainha vibrar, saltae da cama.

Ao cabo de seis dias ainda que atrazeis o relógio um quarto, acordareis ás sete em ponto, antes da campainha tocar.

O costume produzirá o efeito d'um relógio material e interior mais exato que o outro.

O mesmo que se faz para despertar pode empregar-se para o reponso o sono vem a hora certa se se acostumar a natureza.

Acordae cedo, deitaveis sempre à mesma hora, nada de leituras e apagae a luz, e dormireis como uma criança.

Nos casos em que a insônia não provenha de dor viva ou de uma meningite que irrita o cerebro, substituem-se as drogas soníferas por simples recursos mecanicos.

Tal é a conclusão do illustre medico francez.

MERCADO DE GENEROS

Preço dos generos abaixo designados durante a semana finda

Trigo rijo.....	660	14	litros
Cevada.....	380	»	»
Centeo.....	500	»	»
Milho de regadio	560	18	litros
Grão.....	800	»	»
Chicharos.....	480	»	»
Feijão cana.....	12500	»	»
Feijão rajado...	12400	»	»
Aveia.....	380	20	»
Tremoço.....	400	»	»
Gelo.....	800	»	»
Farelo.....	200	»	»
Limpadura....	400	»	»
Favas.....	680	»	»
Aguardente....	12400	10	litros
(figo).....	900	»	»
Vinho tinto....	550	10	»
» branco.....	800	»	»
» licoroso....	12100	»	»
Vinagre.....	250	»	»
Azeite.....	22000	»	»
Sal.....	35	10	»
Batata redonda.	500	15	kilos
Cebolas.....	600	»	»
» doce.....	360	»	»
Carne vacca 1. ^a	400	cada	»
» 2. ^a	270	»	»
» 3. ^a	200	»	»
Ossos.....	140	»	»
Carneiro.....	240	»	»
Porco.....	240	»	»
Ovos.....	30	reís o par	»

CARREIRAS A VAPOR NO GUADIANA

Horario de partidas no mez de fevereiro

Dias	Horas	De Mertola	Dias	Horas	De Villa Real
2	4,36	da manha	11	10	da manha
5	6,37	»	3	12,26	»
7	7,48	»	6	14,27	tarde
9	8,49	»	8	3,23	manha
12	12,8	»	10	4,53	»
14	14,27	tarde	13	8,28	»
16	3,39	manha	15	10,32	»
19	5,39	»	17	11,30	»
21	6,40	»	20	13,25	tarde
23	7,48	»	22	14,27	»
26	10,6	»	24	3,25	manha
28	13,17	tarde	27	6,52	»
			29	9,50	»

VENDE-SE

Uma morada de casas terreas na rua Alexandre Herculano com os n.ºs 23 e 25. Tem vista para as ruas 1.º de Maio e Nova d'Avenida. Quem pretender dirija-se ao 2.º sargento Mathias. 191

PORTUGAL PREVIDENTE

Companhia de Seguros

CAPITAL 1.000.000\$000

SEGUROS DE VIDA (TODAS AS COMBINAÇÕES)

Seguros contra fogo

Seguros marítimos

Seguros de cristais

Seguros contra roubos

Seguros postaes

Seguros agricolas

AGENCIAS EM TODO O PAIZ E COLONIAS

Séde—Rua do Alecrim, 10—LISBOA

AGENCIA EM TAVIRA

PHARMACIA CUNHA 181

MANTEIGA

Manteiga de POVOLIDE. Vende-se José Maria dos Santos, Tavira.



É TÃO FACIL CONSERVAR-SE DE SAUDE!

Se conseguirdes o remédio proprio para o caso, e o applicardes promptamente, evitaes que a molestia se torne mais séria do que o necessario. Tomando immediatamente o caminho para a cura, claro está que vos poupaes muito soffrimento e incommodo, alem de despreza inevitavel ao tratamento. Tome, por exemplo, o abatimento que se segue a uma febre. Tratado devidamente no seu principio, podeis sustal-o e cural-o, quando, com um tratamento errado, vae do mal para peor.

Eis-aqui um caso que o comprova: Tendo adoecido com as

febres infecciosas,

minha filha Maria Caetana, de 3 annos de idade, depois de ellas terem desaparecido, ficou muito fraca. Foi-me aconselhada para seu restabelecimento a

Emulsão de SCOTT,

sendo certo que se acha completamente

restabelecida

do estado de fraqueza em que se encontrava; está forte, tem boas côres e come com appetite, tudo devido à Emulsão de Scott. (a) Domingos José Soares, Tavira, 25 de Fevereiro de 1910, Rua da Borda d'Agua de Aguiar.

A cura propria, em todos os casos de abatimento, a mais rapida e a melhor, está na Emulsão de Scott. Se qualquer pessoa da vossa familia soffre de abatimento, procura a Emulsão de Scott, que é sempre o que o vosso medico aconselha quando é consultado. Se fizerdes uso da Emulsão de Scott, resultará d'ahi a cura do vosso abatimento; mas tem de ser a Emulsão de Scott, visto que não ha outro preparado que tenha um archivo de curas comparavel com o que a Emulsão de Scott tem registado em todos os paizes civilizados. Se padecerdes de abatimento, procurae hoje mesmo a Emulsão de Scott. Esta Emulsão cura o abatimento sendo tomada promptamente, em qualquer epocha da vida. Cura o nos novos, nos velhos e nos de meia idade.

NOTA: Apesar do Imposlo de Sello de 50 reis por cada frasco, todos as Pharmacias e Droguarias vendem a Emulsão de SCOTT aos preços antigos a saber: 500 reis meio frasco e 900 reis frasco grande. AMOSTRA gratuita, contra 200 reis para franquia, obtem-se dos Srs. James Cassels & Cia. Succs, Rua do Mouzinho da Silveira, 85, 1.º Porto. Exigir sempre a Emulsão com a marca — o homem do peixe — que significa o processo SCOTT.



CALDEIRA A VAPOR

Vende-se uma em bom estado: Fabrica Tenorio, Villa Real de Santo Antonio. 195

VENDE-SE

A prompto pagamento ou a prestações a horta Vermelha ao pé do Alto no sitio de Bernardinho; consta de todo o arvoredado mimozo de espinho e carço; pomar de laranjeiras, limoeiros, nespereiras, damasqueiros, oliveiras, figueiras, amendoeiras, vinha, terra de semear, nora, tanque, levada, uma caza e alpendre. E alodial. Trata-se com João José de Oliveira, horta de Santo Antonio—TAVIRA 106

VENDE-SE

Duas moradas de casas no Campo dos Martyres da Republica e na rua do Aquartelamento com os n.ºs de policia 56. 47. Quem pretender dirija-se a João Antonio Baptista Pires—TAVIRA. 180

EDITOS DE 30 DIAS

(1.ª publicação)

Na comarca de Tavira é pela comissão de assistencia judiciaria, correm editos de trinta dias a contar da segunda e ultima publicação d'este annuncio, citando Afra das Dorez, auzente em parte incerta, casada com João Thomaz Neto, trabalhador, natural e residente na freguezia de Sant'ago, de Tavira, para no prazo de cinco dias, posterior ao dos editos, contestar, querendo, e sob pena de revelia, o pedido que seu marido faz, alegando a sua pobreza, para lhe ser concedida a assistencia judiciaria na acção especial de divorcio que contra ela pretende deduzir.

Tavira, 9 de fevereiro de 1912.

Verifiquei:

O Presidente do Comissão,

Fructuoso da Silva.

O escrivão,

200 José Joaquim Parreira Faria.

1.º ANNUNCIO

No dia 25 do corrente mez de fevereiro pelas 11 horas da manha, à Porta dos Paços do concelho na Praça da Republica d'esta comarca, vai á praça, para ser arrematado, pela segunda vez por metade do valor por que foi avaliado, a quem maior laço oferecer o seguinte: Predio urbano, com rez-do-chão e primeiro andar no largo do Cano, freguezia de São Thiago d'esta cidade, que consta d'um compartimento no alto e dois no rez-do-chão e quintal, avaliado em oitenta mil reis. Este predio volta á praça por ter sido penhorado em execução movida pelo Ministerio Publico n'esta comarca contra a executada Maria Custodia, para pagamento da quantia de 569\$533 reis de custas e ainda da quantia de 90000 reis de multa em processo de quarella. Ficam por este meio citados quaesquer credores incertos nos termos da lei.

Tavira, 16 de fevereiro de 1912

Verifiquei:—Chagas.

O escrivão do 2.º officio,

201 Arthur Neves Raphael.

ANNUNCIO

Por sentença de dois de fevereiro do corrente anno, que transitou em julgado, foi auctorizado o divorcio dos conjuges Francisco Soares Ferreira, marítimo, residente n'esta cidade, e Mariide dos Dorez, ausente em parte incerta, como consequencia de ter sido julgada procedente a acção que para tal fim foi intentada pelo conjuje marido, n'este juizo.

Tavira, 16 de fevereiro de 1912

Verifiquei:—Chagas

O escrivão

Manuel Martins de Souza Garaça